

PAPO DE GALO

Número 6
17/07/2020
Tiragem apoiadores: 0002

Não tá fácil pra ninguém

Tumbling down
the rabbit hole

◆ LITERATURA ◆ CONTOS ◆ CRÔNICAS ◆ CLASSIFICADOS ◆

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Aliás, nesta quinta edição, ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. Portanto, neste caso específico, sim: é tudo eu.

Mas na semana que vem não será. Voltarão algumas entrevistas, artigos assinados e há até planos das primeiras edições de um podcast, porque ninguém mais lê, pelo visto. Isso mesmo enquanto aqui na central de produção — uma mesa na sala de casa — o computador substituto siga sua função capenga, parte do tempo me tirando do sério, parte do tempo fazendo com que esse conteúdo chegue até você..

(Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!)

Voltando à introdução tradicional:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Estou colunista do Correio da Bahia, do programa Futebol S/A e do Arena Rubro-Negra. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã. (Você reparou no quanto a luz subiu este mês? Um horror.)

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR**. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço!

**Aos desajustados,
desalinhados,
desconjuntados,
embaralhados,
sufocados, que batem
pino num mundo com
um parafuso a menos.**

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0002

APOIA.se

São Paulo, 17 de julho de 2020

REDES
SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@gpgalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR

NAVEGUE—

_ EDITORIAL

6, O difícil exercício de viver em paz

_ OS RESGATADOS

9, Papo cabeça

11, Tique nervoso

14, Intimação

19 Se saia!

25, Cavaleira do Zodíaco

28, O sonho de Toninho

32, Dos pés à cabeça

35, Na trave

_ CRÔNICAS DA SEMANA

40, Só sei que sei lá

42, No país das maravilhas

44, Brain damage

47, Metamorfose ambulante

49, Mas louco é quem me diz

51, Mancha na porta do armário

_ CLASSIFICADOS

56, Cole no corre

Me paga um café por mês?

APOIA.se

– Editorial

O difícil exercício de viver em paz

Neruda que me perdoe. Subtrair o título de sua biografia pra alinhar um editorial tão lido quanto significativo — do nada viemos, ao nada retornaremos, é, portanto, lógico supor que nada também somos enquanto somos — deveria ser proibido pelos cânones literários. Mas, ora, se tudo é nada, que importância há de ter inútil delito.

Eis, pois, a verdade que se espalha nas salas e quartos de lares Brasil afora, no choro sozinho no banheiro, no mergulho no trabalho para distrair da escolha de vida que se esvai de sentido pela desimportância do consumo. Minha gente:

Confesso que cansei.

Porque chega uma hora que construir lógica para o que tem acontecido é esforço que exige demais, e insignificantes perante as coisas da vida, abandonamos a lida para viver como dá, como se aguenta.

Não vivemos, sobrevivemos.
Pois.

Veja bem, tenho tentado. Maratonei as séries que gosto, algumas ainda estou vendo. Aqueles filmes bacanas? Também. Lido tenho muito, estudado, ouvido, ingerido. Ligo sempre que possível para as pessoas queridas, para na telinha do telefone ou do computador, aplacar um pouco da saudade que não cabe mais em mim.

Transbordei de saudade.

Passamos dos 120 dias de isolamento. Desde 16 de março não sei o que é abraçar, tocar, sentir outra pessoa que não a minha esposa. O que não é pouco: amo incondicionalmente a patroa, mas conexão humana unitária é, pra mim, insuficiente.

Se liga, malandro: 4 meses inteiros saindo apenas pra mercado. Sobrevivência.

No começo dessa quarentena interminável, recuperei Cazuzza afirmando que “viver não é mais tão bacana quanto a semana passada.” Ainda havia então, vê-se, esperança de viver. Pff. Sobrevivemos.

Pra onde se escolhe olhar, chuva de irresponsabilidade. Dos governos em qualquer esfera, da população em estado constante de negação, das curas milagrosas, da derrocada da civilidade e do quebra-quebra econômico-financeiro que nos põem à beira do colapso, que, não me entenda como mensageiro do apocalipse, virá que eu vi (beijos, Caetano).

Mas, para muitos, não tem nada pra ver.



No que os dias vão se acumulando, o mesmo cenário, as mesmas vozes, o mesmo noticiário. Estamos num dia da marmota sem fim, num isolamento à brasileira que se promete infinito.

Há alguns anos tinha um programa de rádio aqui em São Paulo com um quadro de humor em que a cidade parou por completo num congestionamento. Todos os dias, o CET multava os carros parados na faixa, desrespeitando o horário do rodízio, e por aí vai. As pessoas interagiam naquele espaço, se conheciam e se tornavam grande amigos ou inimigos, e lá permaneciam, na esperança de que um dia as vias voltassem as normal, e circulássemos livremente. Mas todo dia era a mesma coisa, e lá vinha o CET e seu talão.

O enredo da sobrevida sobrevivida no Brasil de 2020 é como este. Estamos presos num continuum em que sair de um problema é ver-se apenas entrando em outro.

O acúmulo da insensatez quebra a corrente das sinapses lógicas e apela a recursos que tornem a sobrevida mais palatável. Observadores do mundo externo, passamos a questionar a nossa tal racionalidade. Estariam certos, então, estes que desdenham do perigo e aceitam o “não tem nada pra ver”, seguindo a sobrevida quase normalmente? Seríamos nós, portanto, os desprovidos de sentido? Qual é a realidade, afinal? Faça-se a luz, pelamor!

É no questionamento no bom funcionamento das nossas próprias faculdades mentais que caímos no buraco do coelho de Alice.

Queria eu também estar correndo na praia, sol na cara, tomando uma cerveja com os amigos, desprezando a pandemia e fazendo roleta-russa com o existir. Vejam como sorriem os cheios de certeza, tão orgulhosos de orgulhosos de sua condição e ignorância!

A opressão da sobrevivência faz com que se cogite, pois, que se exploda o bom senso e que se dê uma chance ao viver.

Diante disso, esta edição #6 da Papo de Galo_ revista vai contar algumas histórias da ruína psicológica, do nonsense, das situações sem sentido, das lógicas invertidas e subvertidas. É número de literatura. De mentira, ou de verdade, tanto faz. Afinal, quem há de saber se um ou se outro?

A verdade não é líquida. A verdade é gaseificada. A verdade é como o vento. Varia conforme o sentimos.

E se este sentir está conjugado a elementos ficcionais para tornar o vagar sobre este plano que é não mais que um piscar de olhos na história, quem há de julgar? O apelo ao invertido ressoa na energia drenada do agora. Quer-se mais.

É preciso mais que sobreviver.



– Os resgatados

9

PAPO CABEÇA



- Por favor, um maço de cigarros, diz ele no balcão da padaria, logo cedo.
- Ué? Você fuma?, pergunta o amigo, espantado.
- Não.
- Qual, senhor?, pergunta o atendente, solícito.
- Qual o quê?
- Qual cigarro o senhor quer?
- Tá maluco? Eu nem fumo. Dá um rabo de galo, aí, vai.
- Arnesto, você só pode estar com problema! São sete e quinze da manhã!
- Senhor, não servimos bebidas antes das dez horas.
- Nem suco de laranja?
- Bebidas alcoólicas, senhor.
- Ah. Mas por que diabos eu beberia assim tão cedo? Estou indo trabalhar, rapaz! Faz mais de quinze dias que eu não chego bêbado ao escritório!
- Arnesto, você não trabalha.
- Como?
- Você foi demitido, Arnesto. Há duas semanas.
- E eu não sei disso? Por isso mesmo que falei que não chego bêbado ao escritório faz quinze dias!
- O senhor vai querer o suco de laranja?
- Ah, não, não gosto, me dá muita afta. Tenho gengivas sensíveis.
- Aiaiai, saiu o atendente, lamentando.
- Arnesto, está tudo bem?
- Claro que sim. Deixe-me pegar uns pãozinhos para levar para a Ofélia e as crianças.
- Quem?
- Ofélia, ora. Minha esposa. E meus meninos, Juca e Amanda.
- Quem?
- Não se faça de desentendido!
- Desentendido? Eu? Você nem é casado!
- Não?
- Não! E nem tem filhos!
- Não?
- Não!
- Que tristeza, gente. O que aconteceu com eles?
- Eles nunca existiram, Arnesto.
- Ora, Juvenal, me faça uma garapa. Eu não sou maluco!
- Juvenal? Eu não sou o Juvenal.
- Como não? Aliás, Juvenal, você pode me explicar por que está me chamando de Arnesto?

Silêncio.

- Garçom, dois rabos de galo, por favor!
- Senhores, nós não servimos bebidas antes das dez. Alcoólicas.
- Suco de laranja, então?, pergunta o Juvenal para o Arnesto.
- Vixe, melhor não, isso me dá uma afta desgraçada.
- Gengivas sensíveis?
- Esse me conhece!

11

TIQUE NERVOSO



O burburinho entre os amigos do Libério foi, aos poucos, aumentando. Todos se questionavam o que estava acontecendo com o colega. Era ele encontrar o pessoal, que piscava o seu olho direito e balançava a cabeça para o mesmo lado.

Começou de leve, quase imperceptível. Quem notou primeiro foi o Josenilton, melhor amigo. Estavam num bar, conversando amenidades, quando, não mais que de repente, percebeu o colega de mesa com o tique. Pensou ter visto coisa, afinal, o amigo nem sequer saiu do rumo do que dizia.

O efeito foi crescendo ao longo do tempo. Variava da esquerda para a direita. E agora as mãos também rumavam para o mesmo lado.

Todos estavam preocupados, e tentavam entender o que estava acontecendo.

— Isso aí é coisa da separação dele com a Lucineide. Traumatizou o garoto.

— Já eu acho que ele pode estar doente, sabe? Vai que ele cai duro de infarto aqui na nossa frente?

— Qual o quê! Isso aí é psicológico!

— Concordo. Ouvi dizer que fez um ano da morte da mãe dele tem pouco tempo. Ele tem que colocar isso pra fora!

— Tá doido, homem? Eu jantei com ele e com a mãe dele essa semana!

— Então foi a avó.

— Ninguém morreu. Será que não foi consequência da batida de carro?

— Mas foi só um amassadinho na porta! Não pode ser isso.

— A gente nunca sabe o que faz o outro pegar trauma...

— E se ele tiver sido recrutado para uma missão secreta, e o segredo que não pode contar para ninguém estiver consumindo sua mente?

Marino era chegado numa teoria da conspiração. Naquele momento, no entanto, qualquer hipótese parecia ser válida.

Desde que tinha terminado com a Lucineide, Libério vivia triste. Era a namoradinha da escola, estavam juntos desde os 15 anos. Fizeram tudo pela primeira vez juntos. E agora, beirando os 35, já tendo convivido muito mais tempo com ela que sem ela, esquecera de como as coisas funcionavam.

Eram unha e carne. Viviam juntos pra cima e pra baixo. Mas, sabe como é, o amor acabou, ela logo arrumou um outro para repor, e assim, sem mais nem menos, foi-se embora da vida de Libério.

Josenilton foi o grande alicerce de sua recuperação. Amigo verdadeiro, apoio inabalável para todas as horas. Insistia com o amigo para ele sair mais com a turma, pra conhecer mais gente, pra paquerar um pouco.

Relutou o máximo que pôde, mas a insistência do amigo era comovente.

Enfim, cedeu. Passaram a sair apenas os dois, uma cervejinha despreziosa num barzinho qualquer conveniente para ambos.

Aos poucos, Libério começou a olhar em volta. Devagar, foi nutrindo o interesse por rabos de saia que faziam seu tipo.

Certa feita, cervejinhas no juízo a mais, decidiu que era hora de tomar coragem. Inexperiente que era, no entanto, não fazia ideia de como proceder. Envergonhado, veja bem, 35 anos e nem como conversar com uma mulher desconhecida sabia. Temia pedir ajuda para o confidente e virar motivo de chacota.

Queria ser discreto. Algo específico para o Josenilton. Ele, sim, entenderia.

Ao perceber uma mulher bonita passando à sua direita, piscou o olho para o amigo e apontou com a cabeça para a sua direita, como que a dizer “e ela, o que acha? Estou pronto!”



No não se fazer compreendido, tentou de novo. E outras vezes. Foi aumentando a intensidade dos sinais, e ficando cada vez mais fulo da vida pela incompreensão. Até apontar com a mão agora ele fazia!

E pensava:

— É... Veja como são as coisas. Josenilton ficava me incentivando para conhecer outras pessoas, mas agora que estou pronto, ele finge que não entende. Deve ser porque ele queria que eu sempre fosse o coitado para ele ser o herói. Deve ser uma mensagem de seu inconsciente para que eu evite a vida de solteiro pegador. No fundo, ele deve odiar sua própria vida.



E nessa de psicologicamente abalado versus inconscientemente insatisfeito, se encontraram outras tantas vezes.

— Como você está, Josenilton? De verdade, cara. Pode se abrir comigo.

Josenilton nada entendia. Comentava tudo de sua vida com o amigo, sempre sincero.

— Eu quero é saber de você, Libério. E a Lucineide, já esqueceu de vez?

E para mostrar que já se livrara do trauma da ex, Libério apontava para uma distinta senhorita que passava do lado deles na hora.

— Se ele não entender agora, desisto.

— É a Lucineide. Certeza.



Me paga um café por mês?

APOIA.se

14

INTIMAÇÃO



— Senhor... Josiel...
— Josuel.
— Ok, então! — Certificou-se o oficial de justiça olhando para o pequeno envelope à sua frente. — Senhor Manuel o senhor foi intimado a comparecer no fórum criminal da cidade amanhã às 09h.

Mais não disse.



Josuel era um sujeito absolutamente comum. Baixinho, careca, meio gordinho. Dotado de nenhum atributo físico que o qualificasse positivamente, embora, também, nele não houvesse nada hediondo. Vivia de calças cáqui, sapato um pouco sujo, camisa branca-bege de manga curta, seu uniforme escolhido para a vida. Nos fins de semana, saía de papete e camiseta branca para dentro da bermuda cargo, carteira no bolso da frente e, vejam só, uma boina. Era sua extravagância.

Uma vez criou um bigode que o fazia destacar-se na multidão. O apelido de baixinho da Kaiser o fez voltar à condição de anonimato.

— Bom dia, seu Juvêncio! — saudava ao jornalista todo Domingo quando ia buscar sua edição pesada e cheia de cadernos e de propagandas.
— Bom dia. — respondia, seco, o senhor magro e de barba por fazer, batendo a perna freneticamente aguardando uma pausa para fumar seu cigarro.

Os olhos do Juvêncio vibravam o óbvio de que ele não fazia ideia de quem era aquele sujeito que o chamava pelo nome. Como assim? Como assim não conhecia o Josuel? Há mais de 20 anos ele cumpria seu ritual dominical.

Teve uma época em que cortejou uma mulher. Órfão de pai e mãe num acidente da Rio-Santos, já passava dos 21 anos quando imaginou ser a Amelinha sua alma gêmea. Conversou com a Maria das Dores, mãe de

seu grande amor uma vez. Ela concordou que se encontrassem, no dia seguinte, às 16h, com a filha junto. Arrumou-se com seu melhor terno. Comprou flores, lustrou seus sapatos, arrumou um perfume nas páginas de uma revista e seguiu rumo à felicidade.

Tocou a campainha. Atendeu a das Dores.

— Pois não?
— Boa tarde, dona Maria das Dores.
— Desculpa, eu te conheço?
— Eu estive aqui ontem, conversamos sobre eu casar com sua filha...
— Acho que eu lembraria se algo assim acontecesse, né, filho? Passar bem.

E fechou a porta na cara do pobre menino desiludido.

Virou contador por afinidade. Quem é que conhece ou quer ter relações com seu contador, ainda mais no fervor dos anos 80? Na faculdade, formou-se com 7 em tudo. Nem um décimo a mais ou a menos.

Acostumou-se a viver sozinho, o Rafael. Digo, o Josuel.

O fato é que não aguentava mais aquela história de ninguém saber quem ele era. A raiva foi crescendo dentro de sua pequena figura, e tomou conta de si. Tinha que se fazer conhecido. Respeitado. E temido.



Começou praticando pequenos assaltos na região onde morava. Situação constrangedora. Uma vez um jovem atlético reagiu ao assalto. O baixinho pôs-se a correr, no que o assaltado seguiu em sua cola. Conseguiu rapidamente alcançá-lo, derrubou-lhe com uma rasteira. Virou-o de frente, e reagiu espantado.

— O senhor está bem?
— Ahn?
— Desculpe tê-lo derrubado, senhor. O senhor

viu para onde foi o assaltante que acabou de tentar levar a minha carteira?

— Ahn? — A cara de espanto e descrença do gordote era impagável.

— Sim, um assaltante! Ele tinha um corpo parecido com o seu, mas o rosto... Nem consigo lembrar direito como era.

A delegacia que cuidava do bairro uma vez tentou fazer um retrato falado do bandido que assustava a antes pacata redondeza. Ia até sair na TV! Tão grande foi seu lamento... Viu um quase-borrão sendo exibido como procurado, podendo bem ser qualquer um, dependendo da maneira como se olhasse.

Nem ele saberia dizer por que matou a vizinha. Sua primeira vítima. Apenas soube que gostou. Descobriu sua válvula de escape.

Demorou para que pudessem rastrear o Assassino sem Rosto, como passou a ser chamado. Seu alter ego. Sentia-se, de uma certa forma, honrado. Finalmente!, gritava em êxtase.



Chegou para cumprir sua intimação. Seria ouvido como testemunha sobre o assassinato da vizinha.

— Senhor Daniel, sua presença aqui hoje...

— Josuel.

Rapidamente a intimação virou acusação. Confessou seus crimes. Foi a júri popular.

— Estamos aqui, iniciou o promotor, diante de um assassino frio. Este senhor, o Maciel...

— Josuel.

— Senhor Ismael, favor falar apenas quando solicitado. — interpelou o Juiz.

— JOSUEL! — respondeu categórico.

— Senhor defensor, favor conter o seu cliente, seguiu o Juiz.

— Abimael, fica quieto... Este juiz é duro, não dê motivo para ele não ir com sua cara! — virou-se o defensor para o roliço ser à sua



esquerda.

— JOSUEL! — Desta vez, gritou.

— Ordem!

Retomou o promotor.

— Trata-se de um assassino confesso. Nem muito preciso falar, as provas estão aí para confirmar a inexorável certeza: é necessário condenar, com o máximo da força da lei, o senhor Noel!

— JOSUEL! JOSUEL! PORRA! JOSUEL!

Agito na corte. Burburinho.

— Silêncio! Silêncio! — Gritava, inutilmente o juiz.

Jornalistas invadiram a sessão e tiravam fotos do criminoso. Estranhamente, todas as fotos saíam desfocadas. Um deles gritou:

— Gabriel, olha aqui pra mim, uma foto!

— JOSUEL! JOSUEL! MEU NOME É JOSUEEEL!

Correria. O réu jogava papéis no ar. Histérico, estapeou seu defensor, mordeu o escrivão, tascou-lhe um bundalelê para o júri, cuspiu no Juiz. Um vexame. Um tiro de tranquilizante lhe apaziguou os ânimos.

Foi condenado ao manicômio judicial. Por lá, passou anos. Até a Dulcinéia.

Dulcinéia... Doce até no nome. Impossível pensar nela sem um suspiro. Magrinha, moreninha de sorriso encantador, um pouco tímida. Ninguém queria ter com o Josuel, bicho estranho até naquelas bandas. Pense. Sobrou para a novata. A Dulcinéia.

Entrou, com todo seu encanto, na cela acolchoada. Ele num canto, sem nada dizer.

— Bom dia.

Não houve resposta.

— Bom dia! — Falou um pouco mais alto.



Ainda silêncio.

— Ô, seu Josuel... O senhor não vai mesmo falar comigo?

Ah!, o denço daquela voz...

Seus olhos abriram, marejados. Foi se levantando devagar, saindo de seu esconderijo, enquanto, aumentando o volume e a frequência, dizia.

— Sim! Josuel! Sim! Este é o meu nome! JOSUEL!

Aproximou-se de Dulcinéia. Tocou-lhe o rosto, queria-lhe guardar o tato.

— Josuel. Meu nome é Josuel.

Abraçou-lhe com ternura. Pediu para que ela se sentasse em sua cama, e mesmo contra todos os protocolos de segurança, ela o fez. Ele, então, se deitou em posição fetal, em seu colo. Ela, instintivamente, lhe acariciava os cabelos apenas laterais e bastante desarrumados.

— Josuel! Josuel! — balbuciou ele pela última vez, sem mais levantar.



Me paga um café por mês?

APOIA.se



19



VOCÊ SE SAIA!



A DESCOBERTA

Desde muito novo Decinho descobriu a fórmula do sucesso. Fiou-se na necessidade. Sempre muito baixinho, primeiro era magro demais. Por conta do excesso de Biotônico com ovo de pata que sua vó lhe empurrava goela abaixo, foi de um extremo a outro. Engordou de monta e de vez, já no início do ano letivo seguinte, 13 anos, oitava série começando. Não é de se espantar que os colegas lhe maltratassem o juízo, coisa ruim que é essa classe de gente chamada criança.

A regra era a mesma de tantos meninos e meninas mundo afora, esculhambados pelos mais normais, mais altos, mais magros, mais esportistas, mais burros.

Pois numa manhã de sexta-feira o mundo de Decinho mudou.

A aula de educação física, o ápice do sofrimento para os como ele, estava para começar. Sentado num banco do lado da quadra, ele viu um grupo dos animais enchedores de saco se aproximar. Já meio retado porque não tinha banana real na cantina, aquele dia ele não podia aguentar mais um tanto de pirraças. No que o grupo foi se aproximando, ele encarou firmemente o líder do bando. Já a cerca de 3 metros de distância, sem nem se levantar do banco, apontou o dedo para a cara do sacana e largou com o máximo de impetuosidade que pôde reunir:

— Você se saia!

Olhava firmemente para o grupo e preocupava-se em não demonstrar que lhe tremiam as pernas.

Foi quando o milagre se fez; fez-se luz em seu viver.

Desacostumados a serem confrontados e entendendo aquele olhar determinado de que o gordo e diminuto garoto lutaria de volta e

poderia até apanhar, mas levaria pelo menos um com ele para a enfermaria. Os dois assistentes pararam, olharam-se e encostando a mão no ombro do que ia na frente, afastaram-se vagarosamente. O ponteiro ainda ficou encarando o resolutivo Decinho, até que perdeu a guerra de olhares, abaixou a cabeça, e seguiu seu rumo.

Sorriu aliviado, mas, principalmente, de alegria! Por segurança dos outros, foi o primeiro a ser escolhido no time. Pense!

Cresceu neste esquema, o Decinho.



VIRANDO HOMEM

No mundo profissional percebeu que era uma excelente estratégia de negociação. Fez fortuna comprando empresas em estado pré-falimentar e recuperando suas finanças para vendê-las com grande lucro.

— A minha proposta para comprar sua empresa é a que está neste envelope. — Sempre começava falando o ainda gordo jovem.

O outro lado da mesa abria a bíblia e ao ver os números que claramente não lhe agradavam, iniciava um retruque “Mas, Décio, você...” que era prontamente interrompido pelo seu mantra:

— Você se saia!

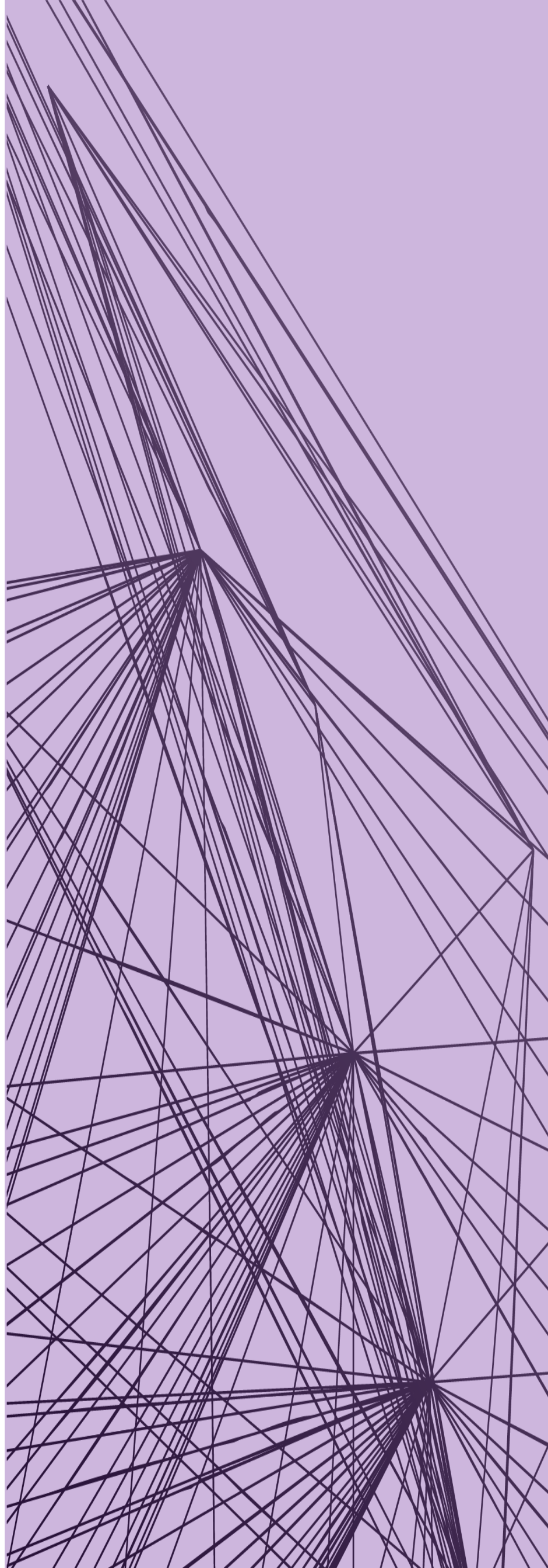
Não dava nem tempo do oponente lhe arguir nada. Ganhava sempre. Para vender depois, então, era ainda mais relevante a interação. Sempre ele começando.

— O preço de venda é esse que está no envelope.

Observava a reação do comprador. Ao menor sinal de que não era exatamente o que ele tinha em mente, já sacava do coldre, o gatilho mais rápido do mundo dos negócios.

— Você se saia!

Ganhou rios de dinheiro.



AFALTA DE AR

Uma grande chuva baixou sobre Salvador numa noite de quinta-feira. Mas não pense que foi dessas que até ajudam a lavar a janela, não. Foi das grandes e das grossas. Derrubou árvores, alagou ruas, provocou acidentes, uma loucura. Por sorte, Décio já em casa havia chegado, mas quando foi apertar o botão do elevador, viu tudo se apagar e as luzes de emergência se atenderem.

“Fodeu”, pensou carinhosamente.

Morava na cobertura de um prédio de mais de 20 andares no Corredor da Vitória, único lugar da cidade onde se atrevia a morar, porque julgava que o nome da glória lhe fazia jus. Tinha um certo pé na megalomania o já senhor – e ainda mais gordo – homem.

Resolveu arriscar.

Começou a passos curtos, mas determinados, subindo degrau a degrau com a leveza de um mamute jogando bola. Passou do subsolo ao térreo, do térreo ao primeiro, e no meio da subida para o segundo, sentou para descansar. Tomou ar, voltou, mas apenas mais três degraus acima, foi obrigado a parar. Faltava-lhe o ar. Puxava-o em grandes goladas, mas pouco lhe inflava os maltratados pulmões. Fechou os olhos, como se conversando com sua máquina corpórea, ordenando funcionamento pleno.

Atirou, mas acertou o alvo errado, o que foi bom para ele. Naquele segundo, voltou a luz. Aliviado, desceu de volta ao primeiro andar, chamou a máquina elevador e subiu contente para sua casa.

Aquela falta de ar, no entanto, ficou na sua mente por tempo demasiado. Antes de dormir, resolveu que se consultaria com um médico o quanto antes.



DOUTOR

Sua secretária marcou uma consulta numa das clínicas mais importantes da cidade. Limpou a agenda da tarde para lhe garantir tranquilidade. No horário marcado, estavam os dois sentados, um de frente para o outro. Entre ele uma grande mesa de tampo de vidro, que exibia itens relacionados à medicina ou à família. Muitos diplomas pendurados na parede. Havia credenciais, certamente.

Décio contou seu entrevero escada acima. Podia até jurar ter sentido uma pontada no peito e uma certa coceira no braço esquerdo. O Doutor varreu seu questionário de perguntas padrão e outras nem tanto, tomando o histórico do paciente. Depois do interrogatório, buscou seu receituário e com ele em mãos, começou a escrever, folha a folha, a batelada de exames aos quais nosso herói haveria de se submeter.

Ele ouviu resignado. Tomou para si o calhamaço de notas com letra indecifrável, agradecendo ao Doutor e prometendo pronto retorno. Voltou para a empresa, entregou tudo na mão da secretária, “providencie tudo para o quanto antes. Limpe o dia para isso.”

Assim ela fez, e dois dias depois ele trocou sua habitual camisa, calça social e sapato por um roupão de bunda de fora de certo laboratório especializado. Parecia que haviam fechado o andar para que ele pudesse ser atendido. Andou em esteira, pedalou em bicicleta, conectaram cabos em seu coração, em sua cabeça, em seus membros, retiraram fluidos de locais que ele não descreveu quais foram nem sob tortura, entrou em máquinas deitado, de pé. De tudo, um pouco, uma farrá da saúde maquinada! No fim do dia, cansado, lanchava um pão sem graça com suco de caixinha esperando seu carro para voltar para casa, e só conseguia pensar “que saco isso”.

Ele não era assim tão tolo de achar que aquela falta de ar nada significava. Estava claramente acima do peso, muito acima, diziam alguns, mas sempre que alguém vinha lhe alertar sobre o assunto, apenas respondia:

— Você se saia!

Retorno agendado com o Doutor.

O enjalecado senhor tomou para si todos os exames, analisou a todos com calma. Décio conhecia aquela feição de desaprovação na cara do médico. É importante que lembremos que o rechonchudo estava condicionado a reagir de apenas uma maneira às palavras que acompanhavam aquela cara.

— É, Décio. O quadro não é nada bom. Precisamos iniciar um processo de reeducação total de...

— Você se saia!

Deixou a sala com uma lista de remédios na mão, era o máximo a que poderia se sujeitar. Parou numa farmácia, conta batendo na casa de milhares de reais. “É a porra!”, comprou a primeira leva, para não mais fazê-lo.



ACHUVA E O JUÍZO FINAL

Sentiu-se até melhor no primeiro mês com os remédios em mãos. Estava mais disposto, embora fisicamente fosse o mesmo de antes. Acreditava ter burlado as regras da saúde, sugerindo que uma boa medicação fosse mais do que suficiente.

Mas não foi.

Ali pelo terceiro mês, outra chuva. Ainda mais densa e pesada que a outra. A falta de luz. O martírio da escada acima até a cobertura.

Animado pelos remédios que lhe garantiam fôlego adicional, começou quase saltitando os degraus. Do subsolo ao térreo, de lá para o primeiro, atingiu o segundo andar. Evoluíra, ao final! No caminho para o terceiro, no entanto, a dor veio fulminante, no que o derrubou ao piso da escada de vez.

Em sua frente, a morte lhe encarava. Toda de preto e foice na mão, ela olhava com aquele olhar de Lobo Mau para os 3 Porquinhos. Avançava lentamente em sua direção, subindo as escadas.

Percebendo o que lhe aguardava, acuado, Décio agiu da única maneira que lhe era conhecida. Reunindo suas últimas forças, determinado!, apontou o dedo na cara da senhora do destino e bradou:

— Você se saia!

A morte parou, hesitando. Para logo em seguida retomar seu passo lento.

No que se aproximava, ouvia Décio e sua generosa gargalhada. A cada passo mais perto, mais alto ele se ria. Ria de se contorcer.

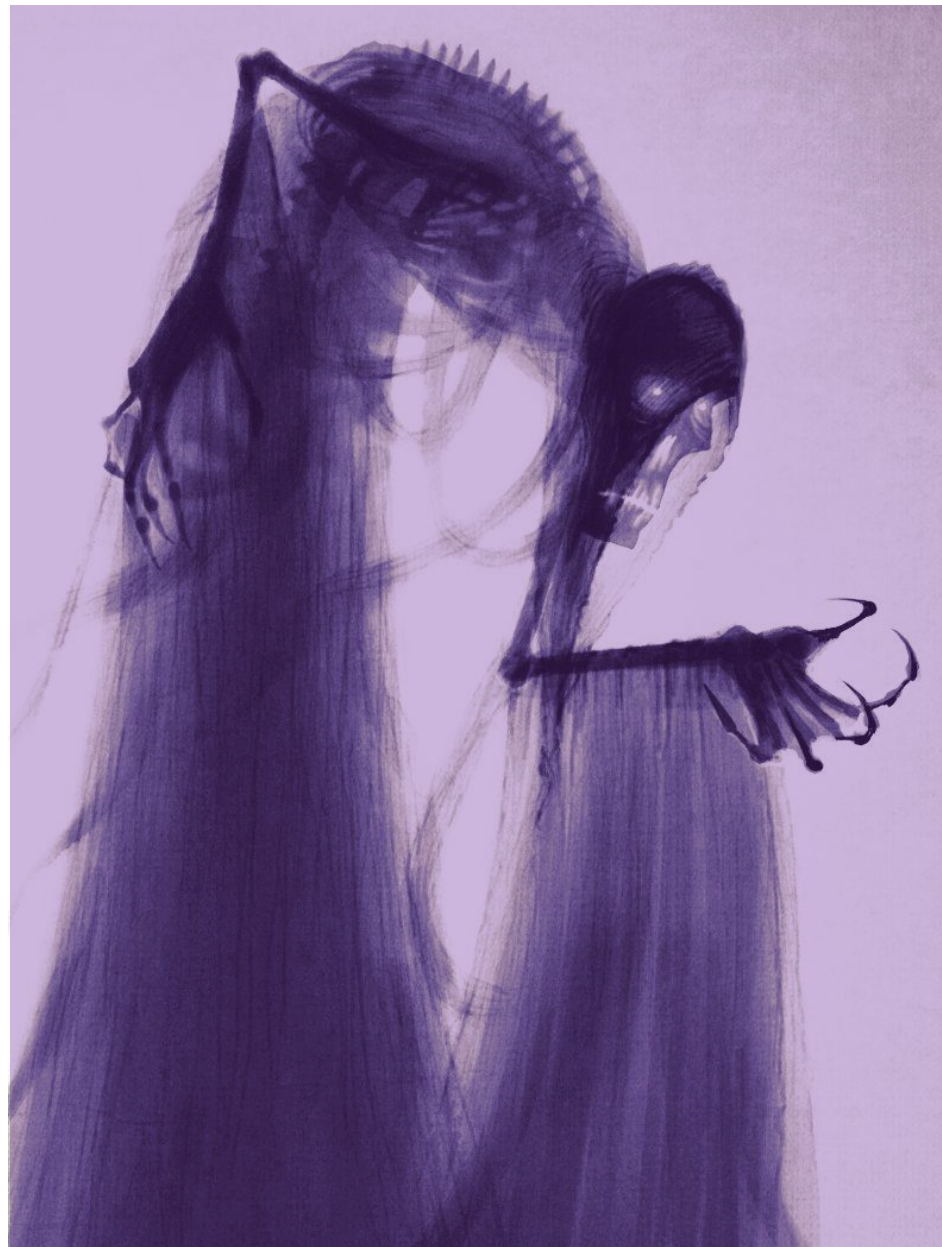
Percebeu que seu mantra de uma vida não era capaz de frear o inevitável. Mas, ela hesitou! Na sua batalha final com o inescapável, atingira o máximo possível.

Antes do toque derradeiro, ele ainda falou:

- Porra! Você parou!
- Não me subestime!
- Já foi, minha filha! — e ria.

Estava realizado. Estava pleno.

Para de supetão ser tocado pelo beijo que a tudo para.



Me paga um café por mês?

APOIA.se

25



CAVALEIRA DO ZODÍACO



Dizia a Joana saber identificar o signo de qualquer um depois de 2 minutos de conversa.

- Acerto de primeira, não erro uma.
- Deixa de conversa mole, Joana!
- Tá vendo? Típico Virgem.

Começou na adolescência. Com essas revistas de adolescente, sabe? O negócio era saber se o signo do Vitinho encaixava com o da Pri, que estava perdidamente apaixonada por ele.

- Ai, amiga! Vai que dá! Tá aqui, ó: Gêmeos com Leão é sucesso.

Estava escrito nas estrelas. Esqueceram de combinar com o Vitinho, que nunca sequer trocou três palavras com a Pri.

Foi aprimorando. O que era passatempo, virou estilo de vida. Para preocupação da mãe.

- Está tudo bem com minha filha, doutora?
- Não sei ao certo...
- Tão Libra..., lá estava a Joana a interromper e a revirar os olhos à médica.

Certa vez causou comoção na família ao recusar-se a aceitar o namorado da mãe.

- Áries com Escorpião? Ela está querendo o quê? Transformar a minha vida num inferno?

Ninguém acreditava na Joana, tadinha.

- Câncer!
- Não.
- Jura? Então, certamente, deve ser o ascendente.



A mãe finalmente se atentou para a gravidade da situação quando, depois de uma viagem de férias, voltou para encontrar o quarto de Joana uma réplica de um mapa astral gigantesco.

Abandonou a escola depois de reprovar pela terceira vez o segundo ano do ensino médio. Vida social foi resumida a inexistente. Ninguém aguentava aquela história de signos na turma.

- O que vai ser da sua vida, minha filha?
- Vou provar para o mundo que Astrologia é ciência. Que funciona!

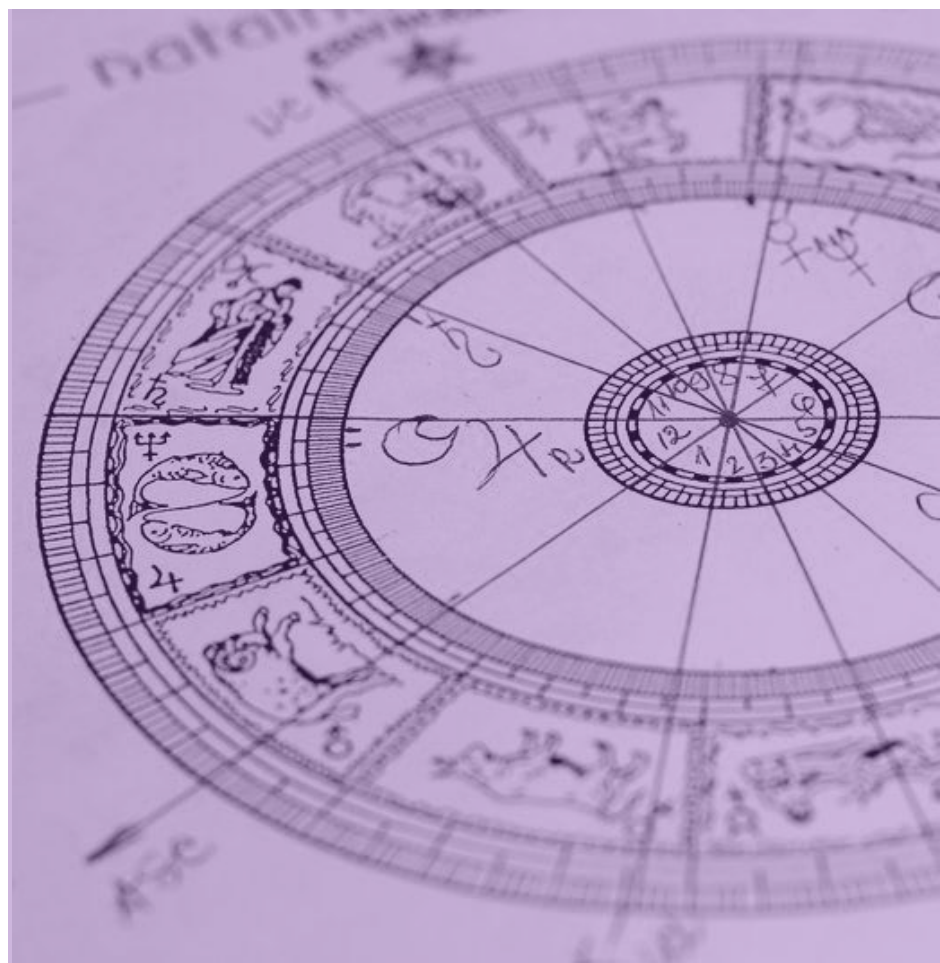
A mãe achava que era uma fase. Qual o quê... Anos se passaram, só piorava.

- Joana, minha filha. Estes aqui são amigos da mamãe.

Dois homens vestidos de branco estavam atrás da mãe, que tentava dar o ar mais afável possível ao momento.

- Deixe-me ver bem estes dois... Hum... Sagitário... e Aquário. Acertei?

Entreolharam-se em reprovação. Caso perdido. Era necessário tratamento. E rápido.



- Então, doutor. Faz já 30 dias que minha filha está aqui... Como ela está?
- Fisicamente, está muito bem. Ela se alimenta bem, dorme bem... Mas temo que trazê-la para cá não tenha sido uma grande ideia.
- Por que, doutor?
- Veja bem, ela está cercada por pacientes psiquiátricos. Eles têm alimentado a fantasia de Joana... Um deles, inclusive, foi convencido que tem 12 datas de aniversário diferentes: uma para cada signo.
- Ai...
- Pois é. Agora tem público cativo. Até criaram um nome para ela: Cavaleira do Zodíaco.
- E ainda tem algum tratamento possível, doutor?
- Entenda, estamos tentando de tudo. É complicado conseguir emplacar um tratamento mais prolongado. Ela percebe o que está acontecendo, e se recusa a fazer qualquer coisa que proponhamos.
- Imagino, doutor... Ela é teimosa que só.
- Pois é. Típico Touro.



Me paga um café por mês?

APOIA.se



28

O SONHO DO
TONINHO



O sonho do Toninho era ser tocador de violão. Violonista profissional, sabe? Desde que tinha 4 anos ficava atento aos sons que o instrumento fazia.

Aos 6 anos improvisou seus primeiros dedilhados. Tocava de ouvido, dizia, orgulhoso.

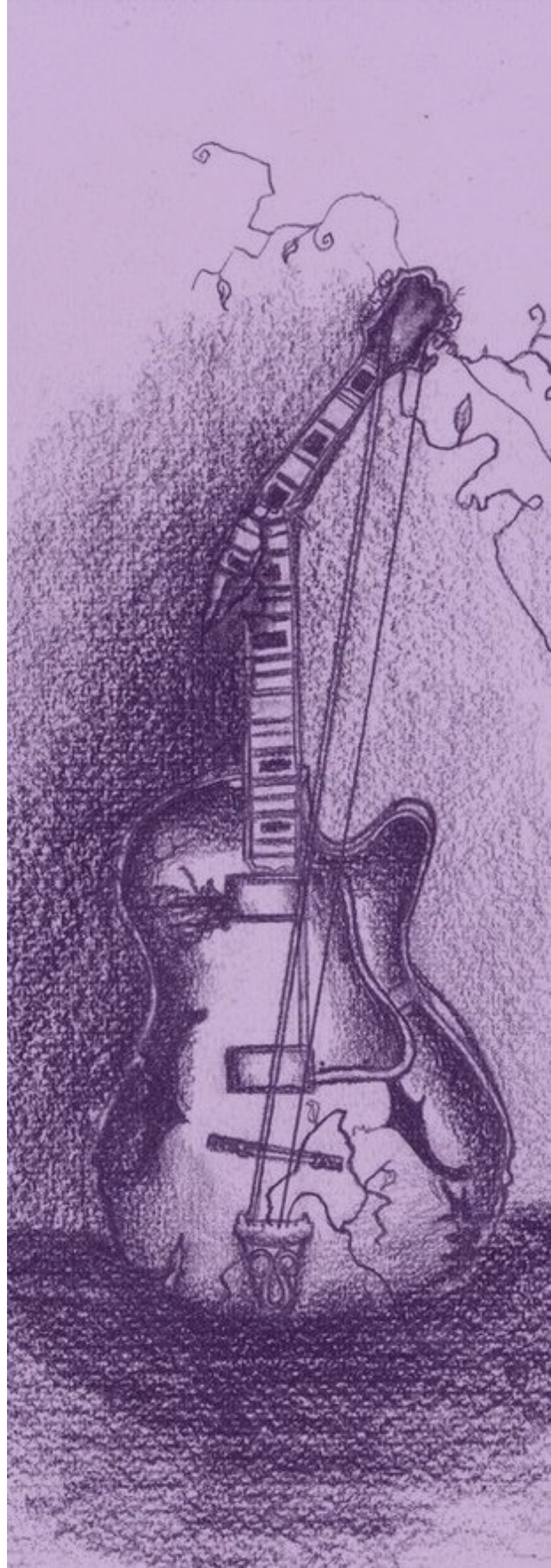
Acontece que o Toninho era ruim demais. Quando adolescente andava para cima e para baixo com o seu violão debaixo do braço. Os amigos ao vê-lo entrar com a sua sacola com revistas cifradas já franziam seus rostos, desgostosos. Que situação lastimável. Alguns o chamavam de Chatotorix, maldosos. Outros diziam que já poderia juntar-se a outros do mesmo estilo e criar uma concorrente para o Restart.

Mas ele tocava com uma empolgação que emocionava aos mais apaixonados por histórias de superação. A empatia era imediata. O segundo momento era de repulsa e o terceiro despertava instintos assassinos que nem ao menos era sabido ter.

Rolava um churrasco na casa da Flavinha quando o grupo se juntou para tentar conter o Toninho, pelo menos aquele dia. Algo precisava ser feito, era o aniversário dela e ninguém merecia tal heresia em data tão comemorativa. Combinaram de que ao primeiro vacilo surrupiariam o violão e rasgariam uma das cordas, o que o impediria de continuar tocando.

- Rasga logo duas e não corremos o risco dele querer tocar mesmo com uma corda a menos!
- Credo! Imagina o desastre que isso não seria?
- Boa! Por mim quebrava logo o violão e pronto!

Mas ninguém queria destruir o tão amado instrumento do Toninho. Entraram em acordo e duas cordas seria suficiente.



Lá pelas tantas chegou o Toninho, com seu instrumento debaixo do braço. Tão logo chegou, abriu sua case e ameahou uma sequência de Legião Urbana que fez a mãe da Flavinha, evangélica devota que era, iniciar um sermão para expulsar o capeta de dentro do menino.

Aquilo deixou Toninho bastante envergonhado. Levantou-se para lavar o rosto e tomar um refrigerante, do que aproveitou-se o Nestor, que foi até o seu instrumento e serrou duas cordas. Quando voltou, lá foi o garoto recuperar sua posição diante do violão. Ao primeiro toque o som saiu tão estranho que até ele parou. Tentou mais uma vez e o som ficou ainda mais esquisito. Não era o desafino, a isso ele estava acostumado. Colocou o violão à sua frente, como se a analisá-lo. Percebeu os minúsculos corte e, ao aproximar-se para ver melhor, as duas cordas estouraram, ferindo-lhe os dois olhos.

Correria, ambulância, lá foi Toninho para o hospital, coitado. Acreditava, internamente, que o violão havia se vingado depois de tanta tortura. Perdeu grande parte de sua visão, e poucos meses depois estava completamente cego.

A depressão tomou conta.

Refugiou-se em seu quarto durante tempos. Inicialmente, recusou-se a sequer encostar em seu instrumento vingador. Mas era ele a sua fraqueza. Logo depois, lá estava ele, se aproximando do bichano. Um leve toque na mão do violão. Outro leve toque correndo a mão a correr pelo braço do instrumento. Quando acordou do transe, tocava um lamento que se fazia ouvir em toda a vizinhança.

Algo tinha acontecido. Algo tinha mudado.



A mãe de Toninho, que desde o acidente vivia em função do agora incapacitado filho, subiu as escadas a se perguntar que som era aquele. Incrédula, abriu a porta e deparou-se com o Toninho tocando uma música que até hoje jura ter sido a mais bela que ouviu em toda a sua vida.

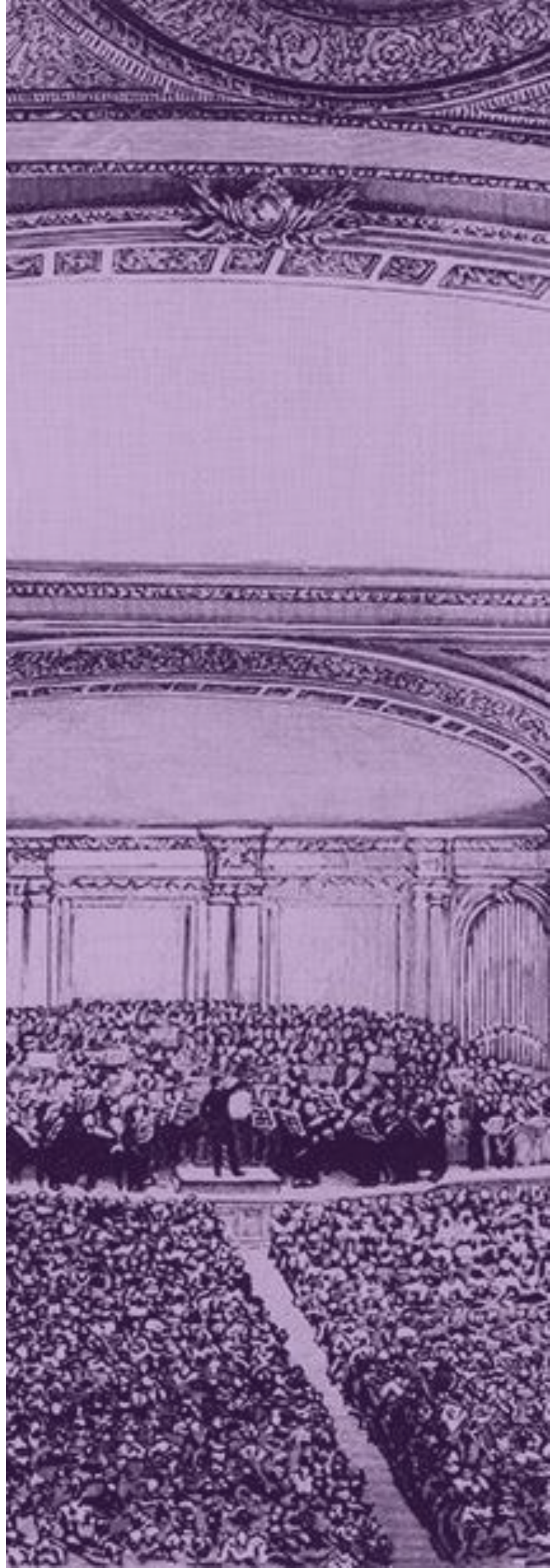
Em pouco tempo, Toninho virou estrela. O músico cego que superou um acidente terrível para aprimorar sua técnica artística. Sucesso de público e de crítica. Sua habilidade era exuberante. Inigualável. Uma mistura de Yamandu com Raphael Rabello e Baden Powell, com uma pitada de Villa-Lobos, uma loucura. Gravou com as mais importantes orquestras mundiais. Lançou discos ao lado de celebridades da música. Arrecadou fundos para a causa ao fazer projeto conjunto com Andrea Bocelli.

Enriqueceu.

Mês que vem sai o longa-metragem a contar a história de Toninho, que irá terminar com uma gravação de um DVD junto com a Filarmônica de Berlim no **Carnegie Hall** em Nova Iorque. Épico.

Entrevistei o Toninho pouco antes de sua viagem para os EUA. Confessou-me que o violão sempre fora sua paixão e ele, o violão, entendera que sua visão atrapalhava seu verdadeiro potencial. Afinal de contas, sempre admitiu tocar de ouvido.

Assim quis o destino. E quis o Nestor, que nunca mais foi visto na turma.



32



DOS PÉS À
CABEÇA



Conheceram-se por um desses aplicativos de internet. Devem ter passado para a direita, ou para esquerda, ou clicaram duas vezes na foto, ou então aquele coraçõzinho do canto de tela foi colorido de vermelho.

Ela mais apostando na foto que na descrição do perfil. Ele carregando na descrição do perfil, menos na foto. Ela não via nada de mais por ter colocado uma foto de, pelo menos, 10 anos antes. Agora chegando aos 37, com filho, sofrendo os efeitos da gravidade. Ele, aos 38, tinha que se mostrar criativo, porque já não era o mesmo de quando tinha 26, aquele outro ele que lhe estampava a foto.

Começaram a conversar. Trocaram figurinhas. Veja que coincidência: ambos gostavam de pizza. E dos Beatles. Tinham certeza de serem feitos um para o outro quando escreveram que ambos gostavam de praia, mas quando tinha sol. Coisa do destino.

O papo era gostoso, fluía com facilidade. Recheados de platitudes, ainda assim, sem atropelos, no ritmo e na cadência da necessidade de cada um.

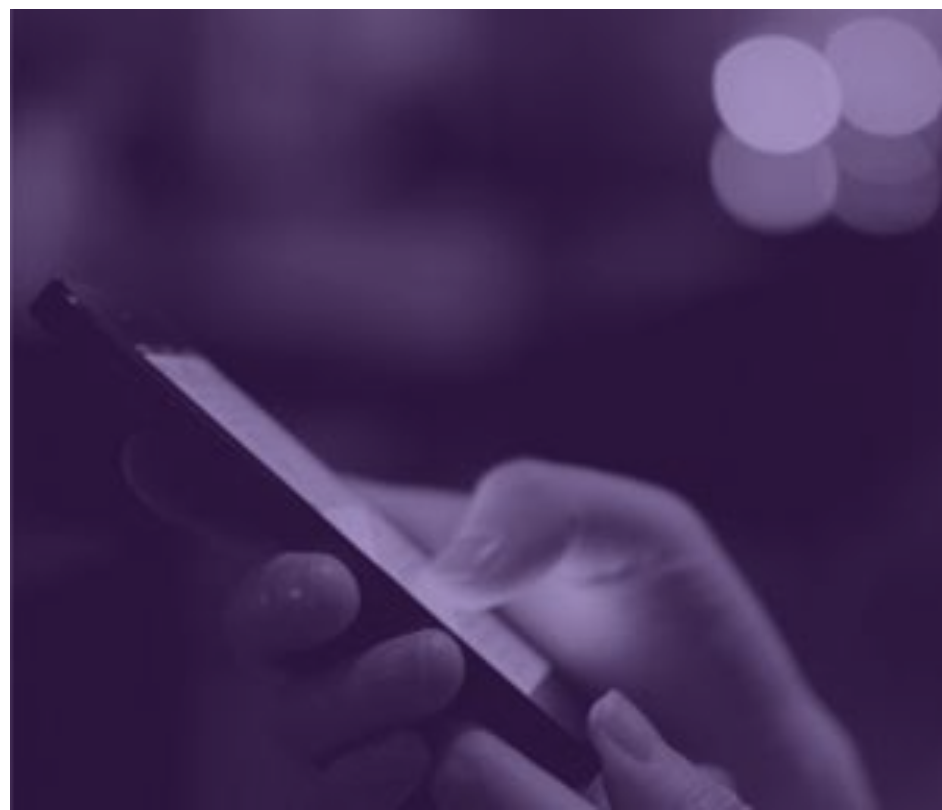
Ela omitiu o filho da equação, elemento a ser estudado apenas nas de segundo grau, quando a complexidade aumenta e Báskara é convocado para vermos se temos condições ou não de participar daquilo. Ele, divorciado, assumiu estar muito bem após a separação, embora ainda sonhasse acordado com o dia em que a ex veria a estupidez que tinha cometido, viesse de cabeça baixa implorando perdão, apenas para sentir-lhe a mão pesada da rejeição de sinal invertido, porque se chumbo trocado não dói deve ser pela média do regozijo de quem impõe a troca e a humilhação de quem a recebe.

Marcaram um encontro. Escolados que eram, resolveram que um café aberto dava conta do recado. Lugar público reduz o risco, decerto. Bem de esquina, fácil para quem chega e para quem queira sair fugido.

Às 16:30h lá estavam. Ele de camisa xadrez preta e vermelha, barba um pouco comprida, cabelos já ficando grisalhos desgrenhados, uma calça um pouco larga demais para ele – devia ser a que cabia – tênis meio surrado. Ela, de jeans e camiseta cinza um pouco folgada, uma jaquetinha preta bem cortada por cima. E sapatos vermelhos, azuis e brancos, com detalhes impressionantemente belos. Se ela era simples, assim como ele também o era, os sapatos destoavam.

Conversaram sem muito entusiasmo. O baque da realidade tinha sido demasiado frustrante. Não que houvesse vantagem evidente, no jogo da imagem virtual, estavam tecnicamente empatados. Tropeçavam, desta feita, numa conversa sem rumo, sem alma. Até tinham mais algumas semelhanças, bebidas de café lhes agradavam, um tanto óbvio pelo local, cappuccino pra ela, espresso pra ele. Sabe como é, abrir-se demais no universo cibernético revela brecha para fazer-se vulnerável. Platitudes se mantiveram, a presença física as tornaram ainda mais superficiais, o que os sufocava.

Por não mais do que vinte minutos estiveram na mesma mesa. Ele sempre olhando para baixo. Por vezes, esforçava-se para manter contato visual, mas era automaticamente atraído para o solo. Que desconforto.



- E aí, como foi? Perguntou curiosa uma amiga a ela.
- Sei lá, estranho. Sabe quando o papo não flui? Não deu muito certo... E outra, ele ficava olhando pro chão o tempo inteiro!
- Que estranho...
- Muito estranho.



- E aí, como foi? Perguntou ansioso um amigo a ele.
- Cara...
- E aí?
- Ela... Sei lá...
- Sei lá o quê?
- Sei lá, bicho.

À noite, sozinho, retomou a conversa consigo. Sentiu-se mal com os acontecimentos daquela tarde. Foi, voltou, refez, desfez.

Se eu tivesse que palpar, diria sem hesitar: foram os sapatos. Não tinha ainda envergadura para suportar o peso de uma mulher com um sapato daquele.

Aquela noite sonhou com a ex, mais uma vez, em súplicas. Por via das dúvidas, vinha descalça.

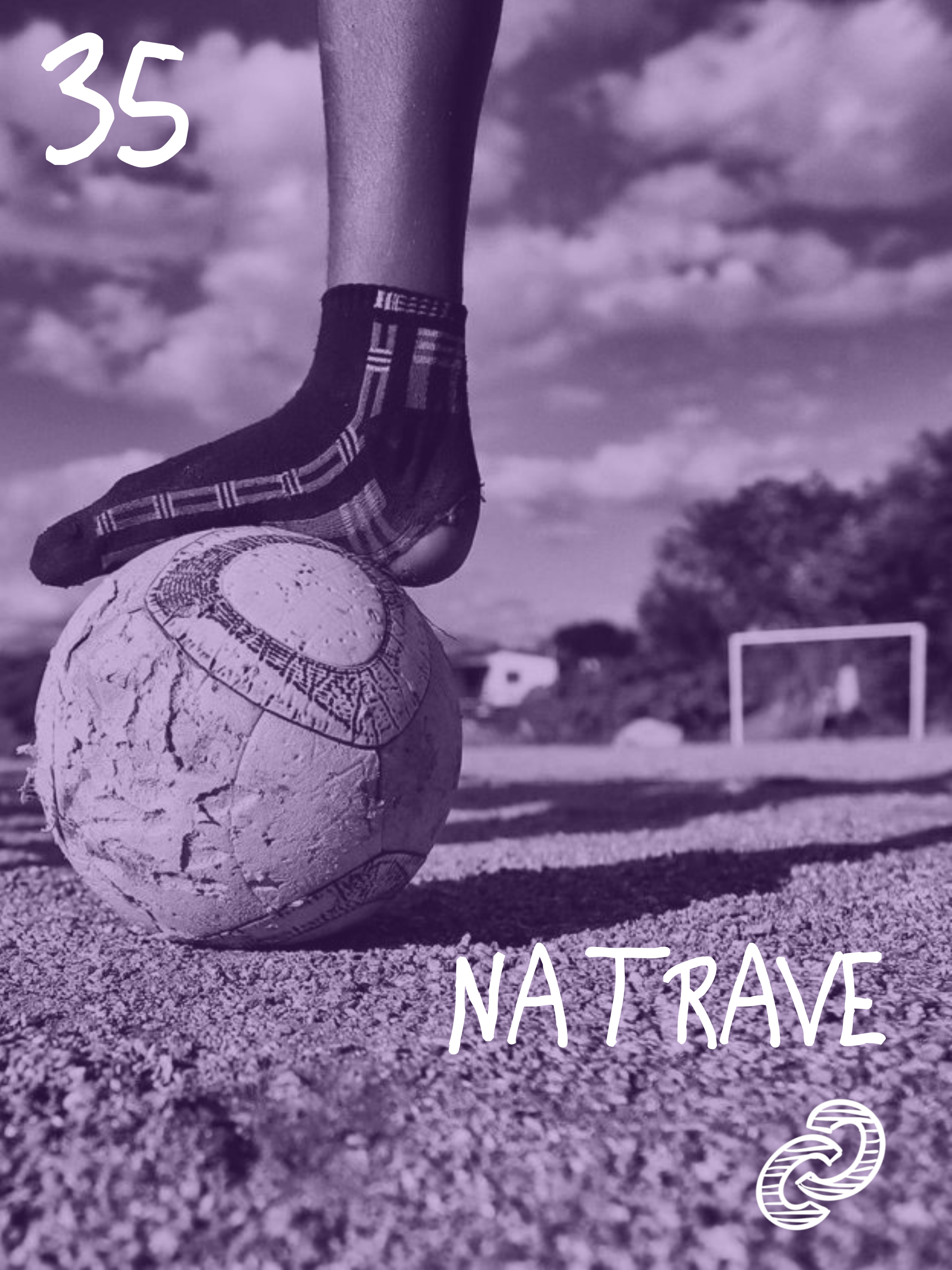


Me paga um café por mês?

APOIA.se



35



NA TRAVE



De pequeno, corria atrás de bola todos os dias. Não tinha hora, não tinha tempo ruim. Muitas vezes não tinha nem escola, de onde fugia doido para chutar seus chutes e driblar seus dribles. Família humilde, pobre de tudo, menos de esperança.

- Esse menino vai longe!, dizia, entusiasmada a mãe, que fazia bicos aqui e ali para sustentar os quatro filhos.

Do pai o menino só ouviu, de história contada, que foi embora antes dele nascer. Ô, sina.

O menino tinha talento para a bola. Jogava e encantava. Com ele não tinha essa de categoria ou de idade: enfrentava marmanjos até 4 anos mais velhos, e os humilhava com canetas, chapéus, dribles da vaca e gols. Dizem lá no campinho que certa feita, beirando os 14 anos, driblou todo o time do Metropolitano, inclusive o goleiro. Ao ver o gol escancarado, voltou o campo todo para começar de novo.

- Não falam a mesma coisa do Garrincha?

- Mas o Garrincha eu não vi. Eu estava lá e eu vi. Esse é craque.

Não demorou muito foi descoberto pelo Atlético local, começou nas categorias de base ainda com 12 anos. Foi subindo a ladeira, sempre sendo promovido antes do prazo. Família tinha cada vez mais esperança de que o destino tinha reservado tirar o pé da lama. Era a vez deles.

Aos 15 foi disputar um campeonato na capital. E logo chamou à atenção os grandes de lá. Era uma peleja impressionante para assinarem com o prodígio de Barro Branco. Se com 15 anos já era assim, imagine com 19? Tome empresário batendo na porta, um tal de assina aqui, não, assina ali, vem comigo, seu futuro é brilhante.

Sempre foi torcedor do Independente, e pra lá foi com 16 anos, deixando para trás a família e a vida pacata no interior.



Chegou lá e ficou estupefato com a cidade. Era quarto no alojamento do time, embaixo das arquibancadas do estádio, tinha até videogame. Treinava duas vezes por dia.

Não assimilava muito bem essas coisas de tática, de posição, de ocupar o espaço. Mas sua capacidade sempre se sobressaia.

Quando beirava os 17, era titular do time que ia disputar o torneio sub-20 mais importante do país. Fez um excelente campeonato, o time chegou à final contra o Desportivo, arquirrival. Com o placar sem sair do 0, a decisão foi para os pênaltis.

Logo na primeira cobrança o Desportivo perdeu, pegou o Vitão, festa para o goleiro. Todos fizeram as 8 cobranças seguintes. Até que chegou a vez do João, eis o nome do nosso herói, bater o pênalti para dar o título ao Independente.

Correu. Até sorria. E mandou na trave.

No final, o Desportivo virou.

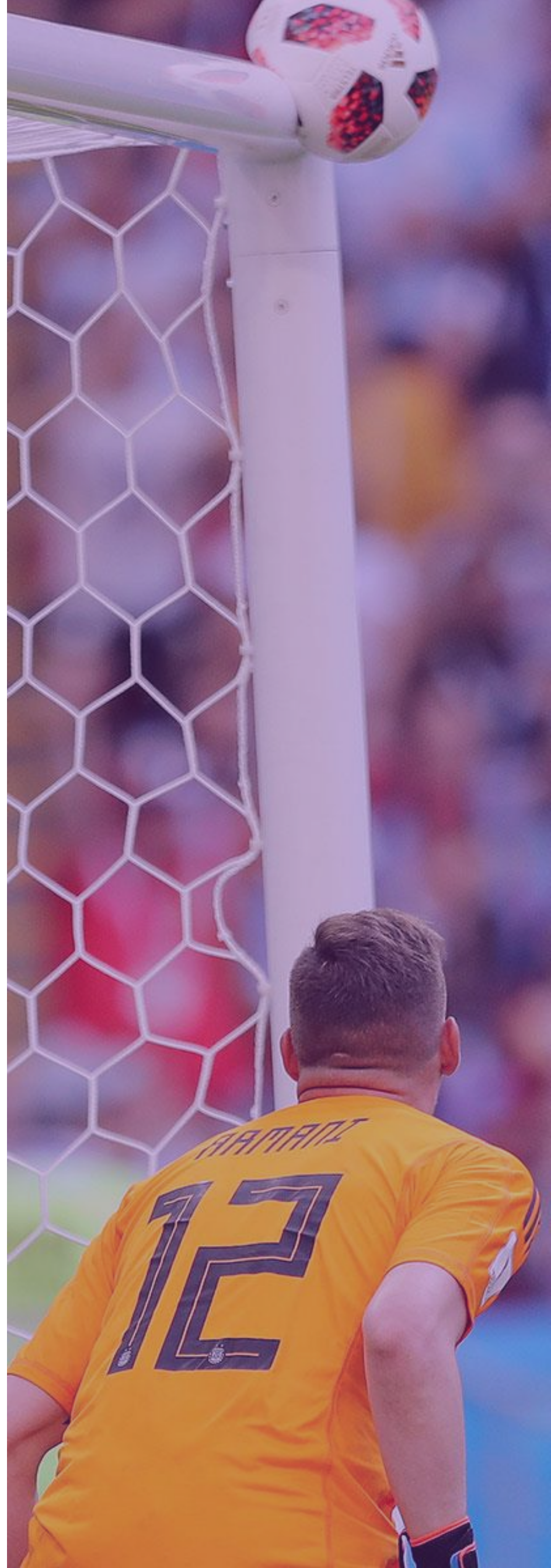
Tapas nas costas legendados, “acontece”, “é isso mesmo”, “não pode desanimar”, “vamos treinar mais”. Os colegas chateados, ele nunca tinha perdido um pênalti sequer! No vestiário, os companheiros de time nem quiseram olhar pra ele.

João não entendia o sofrimento de tantos. Ele queria apenas jogar bola.

Quanto mais se aproximava dos profissionais, mais o sorriso antes fácil do garoto sumia. Era mais treino, mais regras.

– Sorria pra câmera, João!, gritava o diretor de um comercial qualquer. Nem lembrava como tinha chegado ali.

Um belo dia, assim, sem muito porquê, cadê o João? Toca procurar o garoto, e nada de encontrar. Perto do almoço, chegou com uma malinha na casa de sua mãe, que nada disse, a não ser colocar mais um prato na



mesa e dar um beijo de boas-vindas na testa do filho.

Seguiu à tarde para o campinho. Juntou os amigos, começaram a bater bola despretensiosamente. Até que, pênalti!

Lá vai o João cobrar. Antes, vira pro Minduim, amigo de infância.

- No jogo passado foi uma trave só. Quer apostar que dessa vez ela bate nas duas?
- Cinquentinha?
- Fechado!

Minduim devia saber que não se apostava contra o João.

Que nunca mais voltou pra capital, queria apenas correr atrás de bola, sem muito objetivo a não ser canetas, chapéus, dribles da vaca e gols. E, vez ou outra, uma aposta que lhe garantisse o fim de semana.



Este conto está no meu livro “Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”.

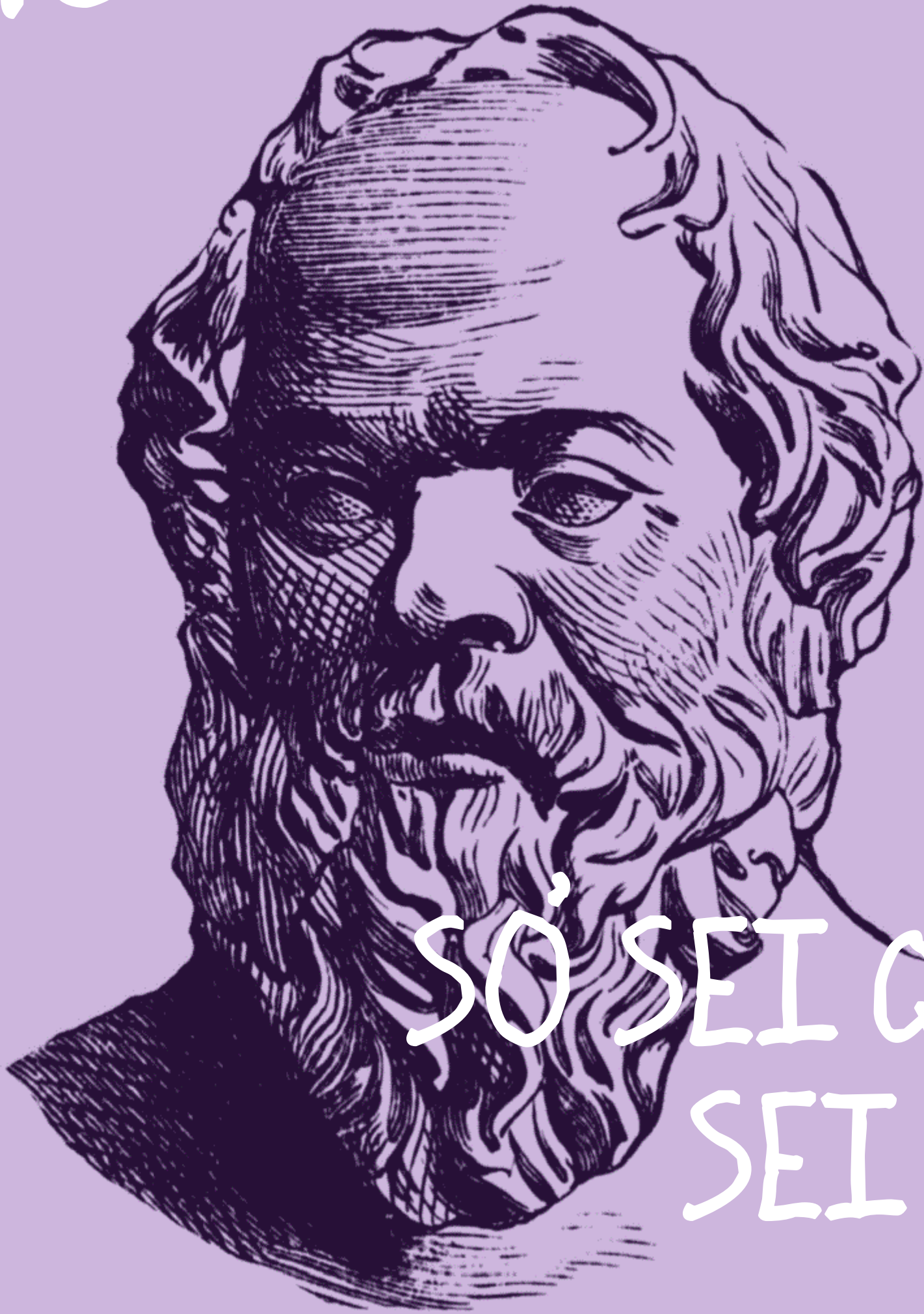
Disponível somente na

amazonkindle



– Crônicas da semana

40



SÒ SEI QUE
SEI LÀ



Quem disser que sabe, tá mentindo

Economistas se reúnem cheios de dados. Modelaram complexos cálculos matemáticos para projetar o impacto da pandemia para a economia, seja local, seja mundial. E os números divergem como se estivessem em análise cenários opostamente relacionados.

O sumo da observação leiga à reunião pode ser resumido de maneira até relativamente simples: ninguém sabe de absolutamente nada.

Similar aos dias atuais apenas a crise da febre espanhola, há pouco mais de 10 anos, quando o mundo era inteiramente outro.

Vou eu, então, ficar batendo cabeça para compreender que haveremos de encontrar do outro lado quando tudo isso passar?

Ora, pois. Me deixe, viu?

Busco de uma vez o aprendizado de Sócrates: só sei que sei lá, parceiro. O mundo é um grande de um sei lá por estes dias.

Vai todo mundo achando, imaginando

controle, previsão, predição, mas no fundo, no fundo, tá todo mundo com ponta do dedo molhado em riste para gelar a superfície pra onde vai o vento.

Pobres gente esta que tem que apelar à burocracia do desespero preditivo, justo quando mudaram o jogo por inteiro, tabuleiro, regras, peças e jogadores.

São perguntas demais sobre o ponto futuro.

Se não sei se chegarei lá são, qual o preço que o isolamento vai cobrar de meu físico e mente, vou perder tempo nenhum a desvendar os mistérios do mercado.

Por hoje, na manhã que raia meio fria, admito que abandono a lógica.

No horizonte, miro um apanhado de sereias que me chamam sedutoras para um lago aquecido. “Vem!”, elas suplicam. Lindas, encham-me de elogios. Estou tentado.

— A água está boa?

— Maravilhosa.

Da varanda salto em sobrevoo as casas da vizinhança. Vejo o movimento que vai crescendo. Chego para pousar sobre os braços delas em recepção, deitando meu corpo sobre a superfície da água.

— Água gelada do caralho. Essa é a água boa?

Elas sorriem. Sabem que melhor ali que de volta ao estalo da realidade.



42



NO PAÍS DAS
MARAVILHAS



Na ilusão, tudo se corrige

Se é verdade que há múltiplas realidades alternativas operando por aí, em alguma delas, probabilisticamente falando, tudo dá certo para gente.

Mas homem é bicho que não aprende e deposita na esperança a certeza de ser capaz de trazer o impossível país das maravilhas para a realidade.

Num episódio de “This is us”, o personagem Randall Pearson, interpretado pelo ator Sterling K. Brown, faz sessões de terapia. Estimulado pela psicóloga, ele embarca na imaginação de cenários alternativos, estipulando o que seria impactado a partir das mudanças que ele faria se pudesse voltar no tempo. No cenário imaginado, cada de sua vida que o incomoda item seria cirurgicamente reconfigurado, em que somente os pontos ruins seriam alterados, permanecendo os bons.

Esta construção narrativa não é exclusiva desta série. Filmes como “Efeito borboleta” reorganiza acontecimentos que desencadeiam consequências que fogem do padrão “se isso, logo isso.”

Esta é, pois, a falha primordial do consequencialismo: entender que as relações de causa e efeito são tão simples como regras de “se isso, logo isso”. Pelo simples fato de que a vida não é uma equação exata, um código de programação, em que comportamentos são facilmente corrigidos como bugs que atrapalham o sistema. Não estamos na Matrix.

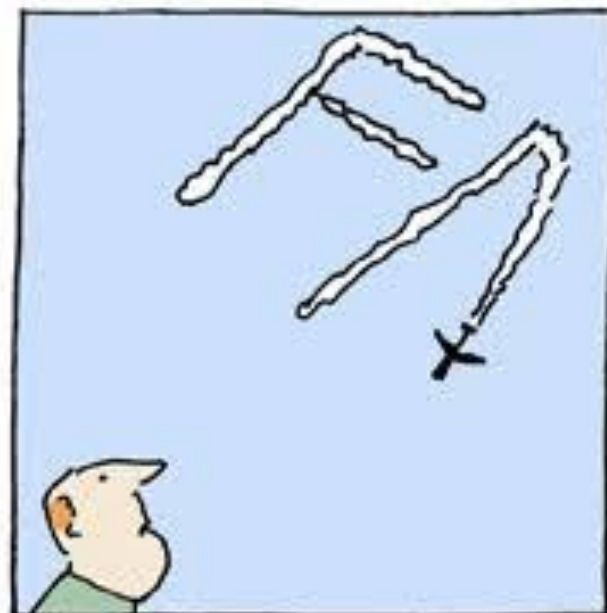
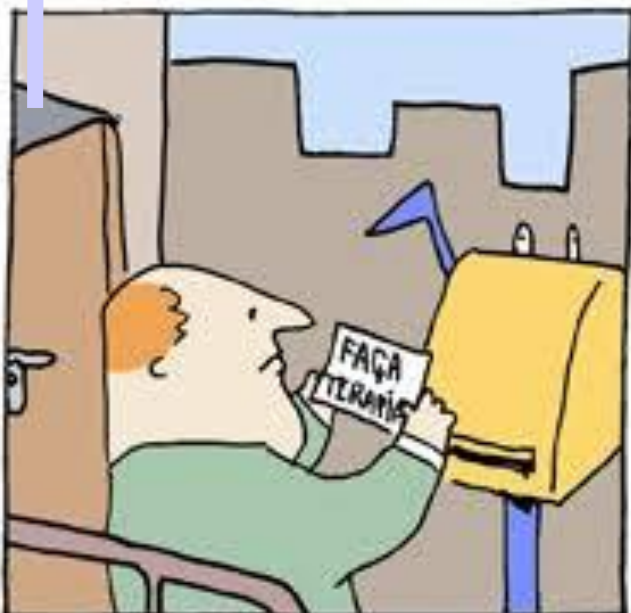
Reduzir a complexidade formidável e incalculável das relações sociais a consequencialismo é um simplismo de que afeta a compreensão do mundo. Porque ao se propor ação a partir deste ponto de vista, e não debater a filosofia moral nele contida, reduz-se tudo ao que falou o jornalista americano H.L. Mencken:

“Para todo problema complexo, existe sempre uma solução simples, elegante e completamente errada.”

É, pois, um enredo de retomada do controle sobre o intangível. Diante da insignificância individual sobre o todo, procuramos desesperadamente nos agarrar a fiapos de controle, por menores e irreais que sejam.

No mundo da fantasia, tudo corre conforme o planejado. Não há erros nem desdobramentos complicados. Há, apenas, um ser fazendo de conta de que é deus-soberano.

Por isso o refúgio da fantasia é tão prazeroso. Nele não há contestação nem dissidência. **Na ilusão, tudo se corrige.**



44



BRAIN DAMAGE



Democracia das vozes na minha cabeça

O bafafá começou com aquela risada um tanto estranha, que nem na música Brain Damage, do Pink Floyd. Senti-me, pois, cada vez mais conectado à música. “The lunatics are in my head” canta o verso, eu pensava que comigo era mesmo assim, e a risada vinha, e eu sem saber pra onde ir, me escondia como se fugindo daquela invasiva intervenção, o que de nada adiantava, pois onde eu vou, minha cabeça vai junto.

Não tardou para a segunda voz chegar. Era diferente da primeira, mais contida, mais racional, por assim dizer. Mas não menos combativa, não senhor.

As coisas foram piorando aos poucos. Lembro-me bem da primeira vez em que as duas vozes entraram em conflito. Estava num restaurante, prestes a decidir pelo prato, garçom de caderneta na mão aguardando meu pedido, quando discussão tomou conta.

— Vai pedir isso mesmo? — Interveio a voz da razão, consciente dos meus movimentos gástricos.

— Pede logo a feijoada completa! — E a risada funesta da loucura ecoou na minha mente.

— Você quer depois que ele fique se remoendo por horas porque comeu demais?

— Nada faz mal se lhe faz feliz!

— Tá ali escrito, ó: para duas pessoas!

— Eu confio nele. Força guerreiro!

O garçom me observava impaciente no que, pensei, terem se passado segundos além do recomendável. Pedi.

— A feijoada, por favor.

A voz de gargalhada descontrolada riu de minha desgraça por 2 dias inteiros.



Era a senha para que a razão buscasse reforço. E a cada novo reforço que trazia, a loucura não secundava e se completava.

Dali a pouco, uma terceira voz se juntou em bando, a que carinhosamente chamei de Marina. Logo três eram quatro e, quando dei por mim, era mais gente discutindo que Câmara dos Deputados em dia de votação de impeachment.

A vida passou a ser um inferno. Qualquer ocasião que exigia mínima decisão era objeto de debates infundáveis. Passei a me ausentar de aparições sociais, presenciais ou virtuais, até entender como controlar a gritaria.



Primeiro, juntei as lideranças para uma conversa reservada:

— Juntei vocês aqui hoje porque está claro que do jeito que está não dá pra ficar.

— Não mesmo! — todos concordaram.

— Então, a partir de agora, toda decisão será feita com votação. Cada representante poderá declarar os seus porquês e eu, então, deliberarei sobre o que for exposto e chegarei à decisão.

O que seria em teoria simples, virou o rame-rame de julgamentos no STF. A boa intenção caiu por terra depois de dois dias dormindo sobre a cama sem lençol até que chegasse o veredito do jogo branco.

Era necessário, pois, aperfeiçoar o sistema.



Várias foram as formas.

Tentou-se voto fechado por grupo aliado. Tentou-se democracia direta com eleições gerais, mas os grupos recrutavam cada vez mais gentes para seus rebanhos, piorando o processo. Houve até princípio de motim, com certo grupo falsificando assinaturas de vozes que nunca existiram.

Tive, por fim, que encampar endurecimento das relações.

— Chega! Assim não dá mais. A partir de agora a banda toca com processo bem resolvido. E as regras são as seguintes: eu vou apresentar as opções possíveis. Então, cada grupo tem 1 segundo para apresentar seu voto. E a opção que tiver mais votos será a escolhida. Percebam: é ditadura na forma, mas é expressão livre de democracia.

— E se não der tempo de colocar o voto?

— Vai contar como abstenção.

— Mas um segundo não é tempo suficiente para resolver temas complexos! — A voz da razão pontuava, pois, com razão.

— Tempos dramáticos exigem medidas dramáticas. Desculpem, mas não sou eu que faço as regras.

— Como assim? Foi literalmente você que as fez!

— Que seja. Sessão encerrada.

À tarde, fiz o teste: café ou chá? Num átimo, tinha o pó de café em mãos. Jantar? Pizza! Era pá-pum e a vida era quase normal.

Mas o delirante gargalhar não se satisfez. Diante da assembleia de vozes, suas inconseqüências eram derrubadas. Sedento por destaque, arquitetou motim e, um a um, formou maioria.



Recebi com estranhamento o comunicado para reunião na madrugada. As vozes líderes me convocavam para uma sessão

extraordinária. Assenti.

À mesa, a dezena de gentes me receberam com saudações pouco cordiais. A razão deu a largada.

— Você foi convocado aqui hoje porque temos um comunicado a fazer. Perceba, não é uma questão de negociação. Democraticamente, nos reunimos a portas fechadas e chegamos à conclusão definitiva e irrevogável que você será expurgado de suas funções como gestor máximo da sua sorte. Este documento aqui, assinado por todos nós e protocolado em cartório, torna efetiva imediatamente a decisão.

— Mas...

— Não tem mais nem meio mais. A partir de agora, você não é mais você. É a gente aqui.

— E...

— Não tem a, nem e, nem i, nem o, nem u. É o que é. E você pode escolher em ser destituído por bem ou por mal.

— Tem diferença?

— Nenhuma. Só vai se arrastar mais. Entregue-se!

Visto que jeito não tinha, arrumei cantinho do inconsciente, onde adormeci. Nem sei o que se faz lá fora. Tenho ouvido a gargalhada delirante com mais força. Posso apenas confabular o que tem sido de meu corpo, vagando sem alma a esmo.

Eventualmente, reunirei forças para retomar meu lugar de direito. Mas para isso, terei que persuadir a razão à minha causa.

— Razão! Razão!

O guarda veio à portinhola.

— Nem adianta perder sua voz. A razão foi guilhotinada logo depois do golpe.

— Golpe?

— Golpe? Quem falou de golpe? — e saiu rindo freneticamente sua gargalhada descontrolada.

47

METAMORFOSE
AMBULANTE



Gregor Samsa Seixas

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado. Vendo-se excepcionalmente magro, barbicha a balançar em seu queixo, levantou-se num susto. Correu para o espelho e deu de cara com um rosto que nunca tinha visto. O espelho, então, falou:

— Aqui é Raulzito falando, baby!



— Peraí, peraí, peraí. Rapaz que viagem é essa?

— Minha história, pô. Começa assim.

— Mas que crossover lascado é esse? Kafka com Raul Seixas?

— Claro!

— Cara, você está bem?

— Oxe, se ligue porque tem muito mais.



— Gregor — disse uma voz, que era a da mãe, é um quarto para as sete. Não tem de apanhar o trem? Logo ele vem surgindo de trás das montanhas. É o trem das sete horas!



— Não vai me dizer que o Trem das Sete é por causa da mãe d'A Metamorfose?

— Mas é exatamente aí que eu quero chegar. Tá tudo conectado, xará. Raul Seixas era fã do Kafka!

— Confesso que até mesmo pra você, isso está indo um pouco longe demais. Você se sente bem? Precisa de alguma coisa?

— Arrá! Você também?

— Eu também o quê?

— É fã de Kafka?

— Como assim?

— Aqui, ó, página 4, “Não se sente bem? Precisa de alguma coisa?”

Ele abriu o livreto que carregava em mãos junto com seu manuscrito, para comprovar que mais que literatura, sua obra era praticamente uma releitura histórica da produção de Raul Seixas, e sôfrego apontava com o dedo indicador para o trecho em questão.

— Meu amigo, me perdoe, mas nem tudo nessa vida é Kafka, pode ser só uma coincidência.

— Isso é o que as pessoas pensam. Mas, no fundo, está tudo impermeado de Samsa. Mas, espere, você ainda não ouviu a melhor parte.



Ao enfim ter-se com aquele que julgava ser seu filho, a mãe, estarecida, indagou:

— Gregor, meu filho, o que aconteceu?

E ele, ciente de sua mutação e da não aceitação de sua condição, externou as únicas palavras que pôde na expectativa vã de contornar o espanto e fazer dele acolhida.

— Mãe, sou eu. Quero que você entenda: eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha formação corpórea o tempo todo.



49



MAS LOUCO É
QUEM ME DIZ

Júnior Arruda



Eu juro que é melhor não ser o normal

Sim, tive meu período de bater ponto. Durante os meus primeiros anos como profissional, me fantasiava de terno e gravata e seguia serelepe para a rotina de trabalho, imaginando com faturas e vida garantida.

Passados quase 20 anos da largada da minha trajetória como ser produtor de valor laboral (há controvérsias), em retrospectiva, admito que a única coisa de que sinto falta é da tal estabilidade financeira. De resto? Nada.

Anos atrás, quando a necessidade familiar apontava a urgência do ganha-pão no quinto dia útil do mês, senhor das verdades materiais lançou-se a vender seus ideais, conclamando-me a ceder ao bom senso da vida ó-tão-abonada que ele vivia e abrir mão da loucura em que me lançava.

Mal sabia ele que a real que Os Mutantes na Balada do Louco: se ele tinha 3 carros, eu podia e ainda posso voar. Isso era ainda muito antes de eu me lançar à vida de escritor. Imagine agora, então, o nível de loucura que se adequa ao presente segundo a mente do senhor das verdades.

Quero nem passar perto.

Ele está certo ao analisar friamente os números. Para cada Gil, há milhares de desafinados tocadores de barzinho. Para cada Guimarães Rosa, há milhares de inventores de palavras que não saem do ridículo. Para cada artista de grande obra, há a frustração da grossa maioria que perambula no purgatório da mediocridade. E mesmo os que “lá chegam”, não se pode necessariamente dizer que vivem a boa vida, seja material, psiquiátrica. (ah, o estereótipo de artista duro e atormentado...)

Não se trata, afinal, de estatística. A questão é de outra monta. É metafísica. É existencial.

Eu não existo sem a loucura, sem residir fora da caixa do normal.



Não estou, não me entendam mal, pregando contra o normal. Cada um sabe onde o calo aperta, do que é melhor para si.

Na fala do “faça o que eu digo”, impõe-se a normalização do ser. Abdica-se do pensamento, afinal, que se deixe o todo aprovar para onde se segue.

Se prezo tanto pelo discernimento, o que seria este embarque no trem da coletividade uniforme senão a eliminação da diferença?

Pulei fora.

Mas os boletos insistem em passar por debaixo da porta, por mais carrancas e vassouras coloque atrás da porta. Sina desgraçada/

Eu juro que é melhor não ser o normal. Mas não ser o normal pagando as contas é ainda melhor.



51

A MANCHA NA
PORTA DO
ARMÁRIO



A faxina e seus efeitos colaterais

Há coisa de poucos dias, me bateu o faniquito da limpeza. Imbuído do desejo da limpeza geral da casa, que pedia completa e cuidadosa faxina, pus-me a postos para a tarefa.

Separei os materiais de limpeza. Encontrei playlist que faria a trilha sonora do trabalho pesado. Planejei o trajeto com exatidão, calculando rastros de pés e necessidades específicas para que o cômodo derradeiro fosse o fechamento perfeito que ainda produziria aquele 'plin' de brilho de limpeza dos comerciais. À luta fui.

Comecei pela área de serviço. Da cozinha segui para a sala. Um quarto e seu banheiro. Outro quarto e seu banheiro. Zelo para arrastar móveis e eletrodomésticos em busca daqueles espaços quase sempre ignorados. Limpava sobre os móveis, poeira não tinha vez, pus roupa pra lavar. A casa cheirava aquele olor tranquilizante da faxina.

Na saída do banheiro de meu quarto, dei-me de frente com a porta do guarda-roupas rabiscada a lápis. Frasco de borrifar cheio de Veja numa mão e bucha na outra, molhei a madeira para em não mais do que cinco passadas depois, a sujeira tivesse virado o mais puro branco que já existiu.

A ebriedade do cumprimento orgulhoso de deveres deu vez à sobriedade de significâncias únicas.

Então, meu mundo caiu. E comecei, a chorar copiosamente.

Moramos neste apartamento há pouco mais de quatro anos. Mês e uns dias depois da mudança, meus filhos foram de mala e cuia recomeçar a vida nova num novo país, com novo idioma. Ficaram aqui dias e mais dias seguidos, para melhorar um mínimo que fosse a saudade imensurável e insuportável que eu enfrentaria pela frente.

Meu mais velho, prestes a completar 5 anos, aceitava o desafio com graça e maturidade. Minha menina, 2 anos recém-completados, alheia ao monstro da distância que se aproximava, fazia de tudo sua aquarela.

Foi num dia como outro qualquer que ela veio me chamar para mostrar a obra de arte. A lápis, rabiscou círculos pós-modernos na porta do guarda-roupas do quarto.

Sorri, beijei-a, entreguei um monte de folhas em branco para ela pintar, o que ela tomou com gosto e logo estava sentadinha na mesa da sala, papéis e muitos lápis à disposição, aperfeiçoando seus traços em movimento descoordenados e lindos.

Pelos cantos da casa não faltam imagens dos dois, sorrindo, fazendo pose e meninice. Não é questão de ausência de registro, portanto. É questão de valor afetivo, de memória que tem data, cheiro, cor, ocasião, relevância.

Limpar a porta do guarda-roupas do meu quarto é apagar os dias que antecederam a despedida. É fazer sumir a pequena Bela que não existe mais, que não mais desenha desconexo, mas agora soma, lê e escreve.

Vai-se, assim, a história contida do chamado pela mão para apresentar em primeira mão a obra digna de premiação mundial. Fica mais escondida a memória da pequena com quem não tenho o privilégio de conviver diariamente, emplacando lutas e sonhos juntos, como deveria ser, pai e filha e filhos, todos juntos numa só corrente, venha o que vier, aconteça o que acontecer.

Agora na passada de olhos no despertar, terá a imagem tirada no sofá da casa da avó, num dia em eu lá não estava, assim como hoje não estou, e, por pandemia e conta bancária, sabe-se lá quando estarei novamente.

Não há mais o sorriso inevitável da mancha que revivia a lembrança da minha menina ainda mais menina, de uma época em que corria pelos corredores do apartamento como seu que é, distribuindo vida e felicidade em sua voz rouca e espírito contestador.

E fui eu, numa distração atroz, contra o bom-senso da preservação da história, embebido da música alegre que animava a faxina, que afastei a minha filha para ainda mais longe.

Não era apenas uma mancha na porta do guarda-roupas do quarto do papai. Aquele era um sinal de um tempo mais humano, de quando o curso da vida fazia sentido porque tinha ela e ele do meu lado. Era um apelo de lembrança, “papai, estou aqui”. Era ela em alma que nunca sumiria.

Os rabiscos disformes eram um portal que trazia a minha filha de volta para o meu colo.

Minha pirulita.

Que por esses dias tombou descendo de snowboard a montanha nevada no Fim do Mundo, fazendo pausas para um mate.

E eu perdendo absolutamente tudo.

E agora terei que seguir sem a mancha na porta do armário.

Na TV da sala, sua mãozinha suada de dia quente de verão está marcada no canto interior direito da tela. É meu tesouro guardado, que, atento e vigilante, preservarei sem chance à distração de nova faxina completa.

Saudade é foda.





Topper

CAIXA



HOSP

Clássico

– Classificados

56 COLE NO CORRE

Tá todo mundo correndo atrás do pão nessa pandemia. Por isso, a **Papo de Galo_ revista** abriu essa edição para que gente como a gente anunciasse seus produtos e serviços. Sem custo. Porque tem que se dar força a quem tá na lida.

Então, prestação e cole no corre. E se estiver precisando, chama a galera que todo mundo vai sair ganhando. Beleza?

Arizinha é gente da melhor qualidade, apesar de torcedora do Bahia.

Rainha dos presentes nessa pandemia, tudo o que faz transpira carinho. Cheia de furos nos dedos por causa do trabalho na máquina de costurar, está na batalha incessante. Então, vá no [Instagram](#), chama no [WhatsApp](#), que ela entrega pra todo o Brasil. A minha máscara do Vitória um dia vem.

Né, Arizinha?



SALVADOR



Papo de Galo

PAPODEGALO
.COM.BR

Arizinha
Presentes

Acessórios e presentes personalizados

Peças exclusivas

Entrega para todo o Brasil

 @arizinhapresentes

 71 9299-1305



ECHOSIS
SALVADOR

Marketing Digital com foco no resultado!

Ivan César
ivan@echosis.com.br
+55 (71) 99192 0852

@echosis.salvador
www.echosis.com.br



Instagram



Facebook



Google ADS



Whatsapp Business



Google Meu Negócio



Youtube



Blog



Site



Spotify



Marketplace



LinkedIn



Waze



ALERTA DE GATILHO

Não veja essas imagens com fome.

Nascido e criado em Salvador, o **Beiju Retado** está localizado no bairro de Brotas, os Alpes baianos, onde termômetros nesse frio chegaram a bater 18 graus abaixo de zero, e é responsável pela melhor Tapioca Recheada da cidade.

Ah, duvida? Pois peça o seu e se não for o melhor beiju da vida, tire satisfação com Vanessa, que é quem comanda o negócio.

Depois não diga que não avisei.

O processo de produção da Tapioca é todo realizado artesanalmente. Os recheios são feitos diariamente, com um sabor caseiro que conquista.

Em meio à dificuldade enfrentada pela pandemia, o **Beiju Retado** se reinventou e agora faz entregas através do aplicativo do iFood. Sigam o Beiju Retado nas **redes sociais** e fortaleça o comércio local. Ah, e faça o seu pedido logo de uma vez, criatura!



@BEIJURETADO



@BEIJURETADO



A Tati é quem comanda o **Sebo.Sa**, lá no Rio de Janeiro. Dona de um **gosto literário impecável** – tem um dos exemplares do meu primeiro livro no seu acervo, ou seja, *finesse* –, o **Sebo.Sa** entrega pro Brasil inteiro!

E está com uma promoção que é uma beleza até janeiro de 2021: 3 livros por 20 reais + frete.

Chama a Tati no Whatsapp e pede a lista de livros do **Sebo.Sa** e já se resolve. Eu garanti o “Narraciones”, do magnífico argentino Jorge Luis Borges, que eu não sou besta.



RIO DE JANEIRO

APRESENTA

PROMOÇÃO

Válida até janeiro de 2021

- 1 LIVRO POR R\$10,00
- 2 LIVROS POR R\$15,00
- 3 LIVROS POR R\$20,00

Contatos: (21) 97319-1666



Florella

PSICOLOGIA E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL



@FLORELLA.CONTATOPSI



FLORELLA.CONTATOPSI@GMAIL.COM

A **Florella** é composta por duas psicólogas, **Adrielle e Lumara**, profissionais qualificadas e capacitadas voltadas para desenvolver o **peçoal e profissional** dos clientes.

Atua com **consultoria de carreira** com objetivo de orientar e propor soluções estratégicas, alinhando com os objetivos profissionais do cliente. Tem como serviços também **avaliação psicológica**, sendo utilizados testes psicológicos reconhecidos pelo CFP, bem como o uso de um conjunto de técnicas e procedimentos que visa **mensurar as habilidades e competências** de uma pessoa para execução de um cargo.

Nesse momento de **pandemia**, em que tantos sentem dificuldade e necessitam de **ajuda profissional** de um psicólogo, atua também com **atendimentos clínicos**.

Luciana Gomes da Costa
Nutricionista Clínica

CRN 09100611

@nutri_lugomesdacosta
 021 99989-9810
 llucosta@yahoo.com.br

Rua André Rocha, 3.215 / Sala 205
Largo da Preguiça, Curicica - RJ

Seja um apoiador

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a [NEWSLETTER](#). Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no [APOIA.SE](#). Que tal um valor 5 reais por mês, um cafezinho apenas? Bora?

Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

Me paga um café por mês?

APOIA.se